



CARTA A UM RECRUTA

Austregésilo de Athayde

Presidente da Academia Brasileira de Letras

Vi Olavo Bilac uma única vez, no própria dia de minha chegada ao Rio de Janeiro, 16 de julho de 1918. Estava, pela tarde, como o faziam tantos intelectuais do tempo, de frente de "O País", vendo desfilar o mundo elegante pela Avenida Rio Branco. Meus primos Luis Paula Lopes e Antonio Austregésilo Filho que tinham ido receber-me no armazém 16 do Cais do Porto aonde chegara a bordo do navio "Pará", mostraram-me: "Olha Bilac". Fiquei parado diante do grande poeta como se fosse uma aparição gloriosa. Eu, vindo de Fortaleza, com menos de vinte anos, ali em face de um ídolo, sentindo a força mágica de sua presença! Não nos viu, e se tivesse visto não daria a mínima atenção àqueles meninos que se postavam para admirá-lo.

Alguns meses mais tarde, em dezembro, acompanhei o seu enterro e à saída do Silogeu onde fora velado, após a oração de despedida da Academia Brasileira, feita por Coelho Neto, comprimi-me

na multidão para tocar ainda que por segundos a urna que levava o seu corpo. E as pessoas em redor comoviam-se em prantos vendo aquele rapazinho, como se tivesse perdido alguém de sua família.

Por que lembro aqui esse episódio de minha entrada na vida do Rio de Janeiro? Que tem isso a ver com os seus receios, mais do que receios, firmes objeções ao serviço que foi chamado a prestar nas fileiras do Exército Nacional? É que também os tive e as formulei na sua idade e em hora muito grave do Brasil, quando declaramos guerra aos Impérios Centrais, em 1917, e a juventude começou a preparar-se para defender a pátria ameaçada.

Alistei-me em um Tiro de Guerra e foi aí que ouvi as vigorosas palavras de Bilac, pregando aos moços, com o prestígio da sua fama de poeta, o catecismo dos seus deveres para com o país em que nascemos: "Meninos, não há outro país como este". O instrutor lia as orações de Bilac e todos enchíamos o peito juvenil

com orgulho, enfileirados, em posição de sentido, com o frêmito de quem já se encontra diante do inimigo e parte para esmagá-lo. Depois afluíam as reflexões: por que deixar os estudos, interromper por algum tempo a carreira que mal principiava, indo para um quartel e, quem sabe, para o campo de batalha? Que razões superiores exigiam de mim esse sacrifício, na idade dos sonhos e das esperanças? Nesses momentos de dúvida, bem compreensíveis, surgiam outras, quase um tumulto de pensamentos contraditórios. De um lado o egoísmo natural, inspirando resistência ao cumprimento do dever. Que outros vão para as fileiras, inscrevam-se nos quartéis e se houver guerra lutem pela pátria.

Mas aí soavam-se persuasivas as palavras do poeta: "a pátria é uma extensão do lar e da família"; é covarde quem foge ao seu apelo, quando estão em risco a sua soberania, a liberdade do povo, o bem estar e a dignidade da nação. Não teria coragem de encarar meus pais e irmãos, nem os amigos e companheiros de infância, os colegas de estudo, se recusasse vestir a farda por mera pusilanimidade, pois de outra fonte não vinham os argumentos que alinhava para justificar-me a meus próprios olhos. Afinal venceu a força do caráter, a lembrança histórica de membros de minha família que estiveram no Paraguai, e cujos retratos figuravam num álbum, livro sagrado de imagens queridas e que eu costumava rever com orgulho. Meu pai mostrava o retrato do avô fardado de voluntário da pátria, no dia em que partira para a guerra. Era garboso em sua esplêndida juventude. Ele foi ferido na batalha de Tuiuti. Lutou na tropa de Osório. O seu sabre era guardado como uma relíquia, um título de nobreza, que eu costumava tocar com respeito e admiração.

Seria possível que eu agora, descendente direto, manchasse o pundonor cívico da geração, deixando de responder ao grande chamado do Brasil, em condições infinitamente mais cômodas e seguras do que as do tempo em que nada menos de cinco de meus maiores amigos se alistaram para combater? As dúvidas dissiparam-se, venceu o sentimento varonil e sem detença apresentei-me e junto a outras dezenas de jovens, vestindo a túnica e o quepi, entoamos a canção do soldado: "Nós somos da pátria guardas, fiéis soldados por ela amados", febris de entusiasmo, decididos a morrer pelo Brasil. Foi uma hora triunfal e inesquecível.

Você dirá que tudo mudou muito nestas décadas finais do século. Já as guerras não podem ser vistas com o antigo romantismo, os quadrados em torno da bandeira gritando palavras de incitamento e heroísmo, na resistência à última carga do inimigo. Realidades terríveis dos dois grandes conflitos geraram a impressão de que o sacrifício feito por milhões de jovens de nada valeu para garantir a paz, consagrar a liberdade e dar aos homens de todo o mundo o sentido dos seus direitos fundamentais e a vitória permanente da democracia que foi o grande sonho dos moços do meu tempo.

Houve, porém, alguma coisa que não mudou e até se tornou mais viva, o nobre impulso do coração dos jovens, ao aceitarem o desafio do destino, na defesa de ideais que não podemos abandonar nunca, como são o da unidade do Brasil, da sua independência, do imenso patrimônio material e moral que nos foi legado por nossos avós e que não pode ficar à mercê da cobiça de tantos que não vêem com bons olhos a nossa marcha constante e destemerosa para a realização de um destino histórico indecliná-

vel, afiançado na energia e na coragem das novas gerações.

Se falharmos hoje, é um imenso passado de glória que poderá cair em mãos alheias, riquezas imensuráveis, uma maravilhosa herança cultural que sem braços e ânimos fortes para preservá-los, irão perder-se talvez sempre. Lembre-se de que nós somos uma continuidade, vinda de longe no tempo, com a marca de aventuras, sacrifícios e sofrimentos, e que esta nação não se povoou sozinha, mas por um longo esforço comum e aí estão as páginas da história, cheias dos mais nobres exemplos da audácia dos conquistadores da terra, bandeiras afora, expandindo os limites, fazendo crescer as dimensões do futuro e isso representa não só atrevimento e espírito de aventura, mas também a busca de um destino de que gerações sucessivas foram instrumentos nem sempre conscientes, mas invariavelmente impulsionadas para a busca do futuro de que hoje eu e você usufruímos sem que a nossa participação nos bens hauridos tenha custado a mesma devoção.

Não esqueça de que os nossos pais estiveram nos Guararapes, na Inconfidência, nas conspirações emancipadoras, no espírito de lutas dos homens que prepararam a Independência, incorporando o Brasil à comunidade livre, nos levantes libertários e nacionalistas, nas revoluções das três primeiras décadas depois do segundo Reinado; estiveram entre os soldados de Caxias para sustentar a unidade nacional, viveram a prudência e a sábia serenidade de Pedro II, e assim foram preparando o povo brasileiro para a consolidação da sua pátria entre as turbulências deste subcontinente, abrindo caminho à igualdade das raças pelo Abolicionismo e, por fim, implantando a República como forma final das suas aspi-

rações democráticas. A presença do soldado leal, corajoso, disposto aos confrontos necessários, eis o pábulo do nosso patriotismo. Sem o soldado do Exército, da Força Aérea e o marujo brasileiro, nenhuma dessas glórias constituiria o nosso tesouro histórico. Foi nos quartéis, nos navios e nas aeronaves da FAB, com a disciplina e obediência, no amor heróico ao Brasil que, na verdade, se forjou a têmpera desta nação.

Como são diferentes as coisas de hoje, as idéias políticas e sociais, a mobilização dos valores físicos que já nos colocam em lugar tão distinto entre os povos do mundo! O quartel, o navio e a aeronave são escolas em que o jovem ainda inexperiente começa a aprender as primeiras lições dos seus deveres para consigo mesmo e para com a comunidade a que pertence. Vindo dos vários recantos do Brasil por uma escolha que tem os seus limites nas necessidades reais da composição das nossas Forças Armadas, começa desde cedo a ilustrar-se, a rever os seus primeiros estudos escolares, a adquirir na disciplina dos regulamentos o sentido de obrigações novas e uma compreensão reveladora de que esta passagem pela caserna é como um filtro de depuração de que se sai mais limpo, mais claro, mais apto a servir, na consciência de uma cidadania que implica em obrigações e direitos e a todos cumpre defender.

Eis o que significa a sua entrada para o serviço militar, uma nova consciência aprimoradora do coração e da alma, uma porta que se abre para uma vida mais larga e fecunda. Bem sabemos que nem todos a concebem assim nem tiram dela iguais proveitos. Isso resulta das diferenças da natureza humana e das diversas condições da formação moral e espiritual de um povo que se está rapi-

damente cristalizando para tomar parte cada vez mais ativa e mais ampla na vida deste continente e do mundo como uma força renovadora, justa e fraterna. Sei que os exercícios constantes, a vigilância dos superiores, a contenção da disciplina peculiar das Forças Armadas, que tudo isso pode ser a princípio estranho a quem saiu da sua casa, do aconchego da família para o que parece uma aventura cheia de surpresas e não raramente também de constrangimentos. Isso é, no entanto, necessário para robustecer o caráter e adestrar o homem não só no uso das armas cada vez mais técnicas e sofisticadas, como no convívio de companheiros tão diversos, pelo nível da educação e até mesmo pela origem cultural.

As ordens dadas pelos clarins, o despetar com a Diana da corneta, os tambores, os horários inflexíveis, a rigorosa fiscalização dos hábitos individuais do vestido, do calçado, do asseio, tudo isso, na obrigatoriedade por vezes dura da vida castrense, fere a sensibilidade da nossa autonomia pessoal, mas logo a reflexão mostra que é indispensável para dar ao soldado a educação que o tornará participante eficaz da vida histórica do seu país. A guerra não é um objetivo, mas uma circunstância que não pode apañhar um povo desprevenido. Daí o chamado da juventude às armas por breve tempo da sua vida, para que na ativa ou na reserva, componha a vanguarda da segurança e dos ideais do Brasil. Ao prestar o seu juramento à Bandeira, há de sentir-se integrado numa comunhão dotada de maiores responsabilidades. E isso haverá de encher o seu peito de legítimo orgulho. Sendo soldado, é também um homem na mais nobre expressão da sua virilidade. O Sargento, o Tenente, o Capitão, o Comandante, o Coronel, o General, o Almirante e o Brigadeiro são

seus pares, cada um no âmbito do papel que exerce na organização das Forças Armadas.

Mas na hora dos serviços extremos há entre todos o nivelamento da igualdade dos destinos.

Fugir a esse serviço é uma deserção às vezes ignominiosa e vexatória, pusilanimidade dos indignos da confiança da família, da sociedade e da Pátria. No dia em que você enverga a farda passa a ser um homem novo, cresce dentro de você o senso de uma responsabilidade que deixa a reclusão do individualismo para assumir o seu lugar como guarda de milhões de homens e do patrimônio de honra inalterável que cinco séculos nos legaram.

Receba o seu recrutamento como um chamado a uma espécie de sacerdócio cívico e veja no Exército, na Marinha e na Aeronáutica, o pórtico de sua futura vida pública, asseverada pela solidez do caráter, pelo amor à liberdade e pelo espírito dessa fraternidade nacional que nunca faltou como a maior garantia da sobrevivência, do progresso e da grandeza do povo brasileiro.

Você é um soldado do Brasil e esse título deve encher-lhe o peito do nobre envaidecimento que todos sentimos ao ver surgir para substituir-nos, na sucessão das gerações, uma mocidade física e intelectualmente mais apercebida para oferecer à pátria o lastro das realidades de um destino imperecível.

Amanhã ao lhe chegarem os anos, já no ápice de sua carreira, cumpridas as metas que a cada um coube alcançar, você dirá aos seus filhos na hora em que forem chamados a servir: "Eu também fui um soldado do Brasil". Eis a emoção que sinto neste momento, quando lhe dirijo estas palavras de compreensão e estímulo.